

TORNAR-SE CATADOR: SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E POTÊNCIA DE AÇÃO

TO BECOME COLLECTOR: ETHIC-POLITICAL SUFFERING AND ACTION'S POTENCY

Paula Orchiucci Miura e Bader Burihan Sawaia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise sócio-histórica sobre sentimentos e afetividades, no intuito de respaldar a reflexão sobre o sofrimento ético-político vivido pelos catadores na execução de suas atividades laborais. A pesquisa foi realizada por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas com cinco catadores de materiais recicláveis. A análise dos dados revela as emoções mais frequentes, que são a vergonha e a humilhação, decorrentes sobretudo da discriminação e do preconceito. Em contrapartida, tornar-se catador pode ser também fonte de alegria. De um lado, por motivo ético, ou seja, pela possibilidade de o indivíduo recuperar a própria dignidade ao se inserir e ser reconhecido socialmente como trabalhador honesto, distinto de mendigos e de bandidos. De outro lado, por lhe dar a oportunidade de organizar-se e mobilizar-se coletivamente na luta por melhores condições de trabalho e de vida.

Palavras-chave: catadores de material reciclável; sofrimento ético-político; potência de ação.

ABSTRACT

The present paper shows a socio-historic analysis about feelings, affectivities with the intention to support a reflection about ethic-political suffering that recyclable material collector feel while working. This research was achieved through of participant observation and semi-structured interviews with five recyclable material collectors. The data analysis reveals the most frequent emotions are shame and humiliation, which specially come from the discrimination and prejudice. On the other hand, being a collector can also be a source of joy. On one side, for an ethical reason, that is to the possibility of the person to regain his own dignity to insert himself and to be socially recognized as honest worker, distinct from beggars and thieves. On the other side, for having been given the opportunity of organizing and mobilizing themselves together in the battle for better conditions of work and life.

Keywords: recyclable material collectors; ethical-political suffering; action's potential.

Introdução

Atualmente, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (2010) estima que, aproximadamente, 800 mil catadores estejam em atividade. O aumento verificado nos últimos anos ocorreu paralelamente à elevação da taxa de desemprego. A crescente presença dos catadores nas ruas brasileiras, com seu reflexo na economia do país, em organizações e movimentos, assim como em grandes fóruns e congressos, fez com que, no final de 2002, o Ministério do Trabalho e Emprego – MTE reconhecesse o catador de material reciclável como profissão.

Mesmo depois desse reconhecimento, os catadores continuam sendo discriminados, por diversos

motivos, por causa de sua aparência suja, má vestida, por mexerem com o lixo, com aquilo que é descartado sem cuidado e geralmente identificado como imundície; são discriminados, enfim, por viverem visivelmente à margem da sociedade. Essa exclusão social e do mercado de trabalho formal provoca, além de doenças físicas – uma vez que mexem com lixo insalubre e se cuidam precariamente –, sofrimento humano, pelo fato de serem estigmatizados e renegados cotidianamente pelo entorno social.

Do ponto de vista sociológico, tornar-se catador é mais um exemplo da inclusão diferenciada ou da inclusão perversa, o que significa a inserção social dos excluídos, dos marginalizados, daqueles que não têm outro lugar na sociedade do trabalho a não ser como catadores de materiais recicláveis. Já do ponto de vista

psicossocial, essa ocupação é sentida por muitos deles como fonte de dignidade, sim, e modo legítimo de se obter renda, uma vez que conseguem dessa maneira se inserir como trabalhadores, diferenciando-se dos ladrões.

Essa ambiguidade de emoções constante entre os catadores passou a chamar minha atenção. Então, como participante do Nexin (Núcleo de Estudos Exclusão/Inclusão Social, da Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC/SP), procurei, no desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado, analisar com mais profundidade essa ambiguidade de emoções.

Em 2002, realizei o levantamento bibliográfico para iniciar a dissertação de mestrado. Não encontrei muitos trabalhos sobre esse tema na área da psicologia, sendo, a maioria deles, da área de geografia, ecologia, serviço social, saúde pública, economia. Como literatura científica, de origem acadêmica, encontrei duas dissertações, a de Alan Dias (2002) e a de Stella Nicolau (2003), que foram defendidas na área da Psicologia Social na Universidade de São Paulo – USP¹.

Nos anos subsequentes, outras pesquisas na perspectiva psicológica foram realizadas, como a pesquisa de Medeiros e Macedo (2006) sobre a relação de trabalho entre catadores de materiais recicláveis e organizações de reciclagem dos materiais coletados na cidade de Goiânia, entre outros estudos (Carvalho, 2008; Peixoto, 2010).

Quanto à presença desse assunto na mídia, nos últimos anos o trabalho de catação vem adquirindo maior visibilidade social. Consequentemente, pelo menos na *Folha de S. Paulo*² já foram publicadas grandes reportagens em todos os seus cadernos (principal, Cotidiano, Folha Teen, Folha Empresa, Caderno Especial).

Os catadores passaram também a fazer parte da agenda do poder público. Em 11 de setembro de 2003, foi criado o Comitê Interministerial da Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis, com o objetivo de implementar ações voltadas à melhoria da qualidade de vida dessa população e a adequada destinação dos materiais recicláveis nos municípios.

Percebe-se que o problema, hoje, não está mais em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas sim em reconhecer seu direito às condições de trabalho, de dignidade e de vida para além da sobrevivência. Agora é preciso preocupar-se com o sofrimento gerado por essa atividade no que se refere a discriminação, preconceito, saúde, projeto de vida.

O objetivo deste trabalho foi compreender como o processo de exclusão/inclusão social é vivido pelos

catadores e se particulariza em emoções e sofrimentos, em vínculos e rupturas, em preconceitos e sentidos, considerando-se ainda a relação saúde-doença como uma das dimensões reveladoras do sofrimento. Pretende-se entender esse processo desde o início da história de exclusão, no âmbito familiar e escolar, até a atual ocupação de catador, profissão emblemática da inclusão perversa. Propõe-se, portanto, uma análise do sentido de “tornar-se catador” e sua base afetivo-volitiva.

Para a análise de todos esses processos, acompanhei, desde maio de 2002, um grupo de catadores de materiais recicláveis na cidade de Guarulhos/SP. Este grupo era composto por cinco catadores, um fundidor, uma bióloga e uma líder de bairro. Eram contratados pela prefeitura como multiplicadores – recebendo formação acerca de cooperativismo, coleta seletiva, educação ambiental, contabilidade, entre outros assuntos –, ou seja, tinham a função de formar outros grupos de catadores, que deveriam se organizar e constituir cooperativas nos diversos bairros de Guarulhos, como uma forma de geração de renda. Entre 2002 e 2004, período do desenvolvimento desta pesquisa, esses multiplicadores estavam acompanhando e proporcionando formação básica para três grupos de catadores situados em diferentes bairros de Guarulhos.

Como estratégia de pesquisa foi feita observação participante e entrevista semiestruturada com os cinco catadores que compunham o grupo de multiplicadores acima descrito. Buscamos compreender o que acontece com esses indivíduos quando se soma uma atividade considerada socialmente excludente a uma história de exclusão, que se constitui desde o início de sua história de vida, ainda no âmbito familiar e escolar, e segue até a atual ocupação de catador.

O presente artigo irá apresentar parte dos resultados dessa pesquisa (Miura, 2004), ou seja, enfocará a afetividade, o sofrimento ético-político e a potência de ação como expressão do processo exclusão/inclusão social vivenciado pelos catadores.

Afetividade

Durante muito tempo, os sentimentos foram renegados, reprimidos, prevalecendo na epistemologia a razão, pois se acreditava que as paixões distorciam a reflexão do homem acerca de sua realidade. A paixão foi também dotada de um poder estranho ao ser humano, que não poderia controlá-la e que, conseqüentemente, comportar-se-ia irracionalmente diante de situações em que ela prevalecesse, o que é

antagônico à disciplinarização. Nessa perspectiva, a relação razão/paixão é assumida como relação de dois termos opostos e não contraditórios, pois cada um tem sua própria característica, que se opõe à outra. Dessa forma, o ser racional deveria abandonar e renunciar a todos os seus sentimentos para atingir a verdade e a moral, bem como para garantir a ordem social.

Outra forma de ver as emoções nessa mesma perspectiva é a distinção de duas qualidades de emoções: as calmas e frias, as agitadas e quentes. As primeiras, de acordo com Hume (citado por Bodei, 1995), eram assim chamadas por colaborarem com a estrutura da ordem; já as segundas, as paixões agitadas e quentes, iam contra a ordem e a razão. As do primeiro tipo se associam a sentimentos de benevolência e altruísmo, já as do segundo tipo se associam a sentimentos turbos e irracionais. Além disso, no intuito de marginalizar tais sentimentos, eles eram renegados à esfera privada, à intimidade, como no caso da mulher, justificando-se assim o controle, a dominação, tanto da mulher quanto da privacidade. Dessa forma, a ordem poderia ser estabelecida e mantida.

Essa análise, de acordo com Bodei (1995), irá também mudar no século XIX, com o desenvolvimento do capitalismo, quando surgem a exigência e o estímulo ao consumo. É quando aparecem as mercearias, onde se vendem produtos a preço fixo e baixo. Logo depois, há um aumento dessas mercearias, bem como da variedade de produtos, o que cria nas pessoas a necessidade de comprar novos objetos, e mais outros, e assim sucessivamente. Alguns anos depois, esse poder de fascinação por mercadorias se estendeu a outras camadas da população, não se restringindo mais apenas aos clientes ricos. O sistema capitalista, consumista, começava então a subverter as necessidades em prol do progresso político-econômico capitalista. Diante dessa nova concepção da moral e dos costumes, modificou-se profundamente a conduta dos homens, pois os desejos de posse, que antes eram reprimidos e denegridos, passam a ser mais permitidos, valorizados e até estimulados para que as pessoas consumam mais e mais.

Heller (1979)³ contesta as abordagens reducionistas – tanto biologicistas quanto psicologizantes –, que tratam os sentimentos como processos naturais, e aponta essa dissociação do conhecimento humano e/ou de sua ação moral. A autora demonstra que, na sociedade atual, os campos de ação permitidos ao homem e aos pensamentos por ela determinados “produzem e fixam sentimentos particularistas, perpetuam e reproduzem a alienação desses sentimentos e o caráter irrestrengível de certos afetos” (Heller, 1979, p. 13). Ou seja, o homem busca a autorrealização através das tarefas que lhe são

propiciadas pelo mundo, numa vida rica em excitações corporais, mas pobre em envolvimento afetivos, porque está dissociada das atividades que a engendram. Isso, para Heller (1979), pode levar à construção de uma personalidade cindida, fragmentada, uma vez que estará alienada de suas possibilidades de riqueza afetiva.

Não há como desprezar algo que modifica e move o físico e a mente do homem, pois ele é uma totalidade que não se divide em corpo e mente – ao contrário, é por si só o corpo e a mente, juntos. As afecções da alma são as afecções do corpo. Espinosa apresenta uma reflexão importante sobre essa junção, debatendo com Descartes, questionando a cisão que este promove entre corpo e alma. Em sua *Ética*, Espinosa (1973a) diz que o corpo constitui o objeto atual da alma, isto é, a natureza da alma é estar ligada internamente ao seu corpo, porque alma é atividade de pensá-lo (ideia imaginativa) e corpo é objeto pensado, imaginado por ela. A ligação entre alma e corpo não é algo que acontece a ambos: é o que ambos são quando são corpo e alma humanos.

A realidade externa alcança visibilidade e sentido para o homem por meio de suas experiências afetivas, construídas nas relações com o mundo dos objetos e no convívio interpessoal. Assim, é no momento do contato com outros seres e com o mundo que o corpo, enquanto materialidade, irá ser afetado e afetar. É dessa maneira que o homem compreende como objetos e seres expressam sua existência.

Não há acordo referente ao conceito de afetividade, sentimento e emoção. Adoto aqui a distinção de Sawaia (2000), que se referenda em Espinosa:

a afetividade é a totalidade dos afetos que está presente constantemente na existência dos seres humanos. A afetividade como totalidade engloba o sentimento e a emoção. O sentimento se refere às reações moderadas de prazer e desprazer. A emoção é um fenômeno afetivo muito intenso e breve, e diz respeito a um objeto específico. (p. 8)

Espinosa (1973a) distingue afecção (*affectio*) de afecto (*affectus*): a afecção é a forma como me sinto nas relações e nos encontros com os outros, o que gera afecto (*affectus*); e os sentimentos formados nesses encontros são os afetos que marcam a história de vida das pessoas. “Os *affectio* do corpo são imagens que, na alma, se realizam como idéias afetivas (*affectus*) ou sentimentos” (Chauí, 1995, p. 64). Considera três afecções primárias, as quais são imanentes ao ser: a alegria (*laetitia*), a tristeza (*tristitia*) e o desejo (*cupiditas*). Dessas três nascem todas as outras

afecções, que vão sendo experienciadas nas relações com outros seres no decorrer da vida. Para Espinosa (1973a), “*desejo* é o apetite de que se tem consciência; apetite não é senão a própria essência do homem, natureza da qual se segue necessariamente o que serve para a sua conservação” (1973a, p. 190). *Alegria* é a paixão pela qual a alma passa a uma perfeição maior, e *tristeza* é a paixão pela qual a alma passa a uma perfeição menor.

Baseando-se em Espinosa, Heller (1979) aponta o sentimento como algo que é construído no processo das relações interpessoais e com o mundo. Define que sentir é estar “implicado com algo ou alguém”, e estar implicado não se refere a um fenômeno que acontece concomitantemente à ação; ao contrário, a implicação é o próprio ato de pensar, sentir e agir dos seres humanos. Essa definição de sentimento como implicação só pode ser válida ao se considerar o processo de objetivação e o de subjetivação como interdependentes e tangíveis no desenvolvimento do homem e de sua singularidade.

Lane (2000), ao considerar as emoções como elementos participantes na constituição do psiquismo humano – seja no âmbito particular, seja no âmbito universal –, reivindica a necessidade de examinarmos as instituições sociais e os códigos emocionais por elas desenvolvidos, pois esses códigos não são sempre perceptíveis, embora se revelem muito eficazes no desenvolvimento da consciência individual. Discute ainda a emoção na manutenção da ideologia, “pois existem laços entre a subjetividade e os papéis institucionais que devemos assumir como ‘naturais’” (p. 24).

Diante disso, Sawaia (1999) analisa a importância de se compreender a *política de afetividade* dominante, que se particulariza em códigos emocionais que vão mediar a forma como se é afetado. Mas a experiência de cada relação, de cada grupo, vai criando “signos emocionais comuns”, que são da ordem da experiência e não só da ideologia, apesar de serem por ela mediados.

Sofrimento ético-político

Vergonha, preconceito e discriminação

Um sentimento relatado por todos os catadores⁴, e que, para Romualdo, foi por um momento imobilizador, é a vergonha. Vergonha de tornar-se catador, ou tornar-se um significado construído negativamente e compartilhado socialmente.

Segundo Heller (1985), vergonha é a interiorização do olhar do outro e também da culpa. O olhar do outro sobre mim, vigiando meu

comportamento, é vergonha. Culpa não precisa do olhar do outro, eu mesmo já faço o papel de censura. Espinosa traz uma importante reflexão para entender melhor o papel desse sentimento tão verbalizado por eles na qualidade cidadã da vida e emancipadora das outras pessoas. A vergonha é o medo do pudor. Ela impede a pessoa de executar a ação que imagina ser censurada. “Pudor é a tristeza acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos que os outros censuram” (Espinosa, 1973a, p. 226). No pudor nos sentimos tristes por executar uma ação que imaginamos ser censurada pelos outros.

Essa imagem da censura é construída com base nos significados ideológicos de que catador é sinônimo de ladrão, mendigo, malandro, vagabundo, incapaz, e as pessoas se relacionam com ele com base nesses estereótipos.

Essa vergonha favorece a submissão. Vitale (1994) analisou em seu trabalho a vergonha por meio das relações entre três gerações. Ela percebeu várias características desse sentimento, e uma delas era o favorecimento da submissão: “O sentimento da vergonha coloca-nos em conformidade com nosso ambiente cultural, com nossos costumes, normas e regras, com os processos sociais em que estamos inseridos, regulando nossa ação e nosso comportamento” (p. 22).

Quando Caio fala sobre a diferença no trabalho de catação na rua e na triagem, enfoca o sentimento de vergonha. Ele fala que muitos catadores não gostam de trabalhar na rua e por isso ficam na triagem. Esses são geralmente aqueles que sentem vergonha de sair na rua para catar. Ele acha que o catador na triagem não tinha muito benefício como o catador que saía para catar na rua, pois ele conta que na rua já ganhou máquina de lavar roupa, ferro de passar, que estavam danificados, mas que facilmente foram arrumados.

Diferentemente de Caio, Elisabeth coloca seu ponto de vista sobre o trabalho na rua e explica por que acredita ser desvantajoso esse trabalho na rua e mais vantajoso o trabalho no lixão. Ela acha que na rua o catador tem que puxar carrinho e andar muito mais para achar material, diferente do lixão, em que todo o material está concentrado em um lugar. Elisabeth também conta que na rua o catador está mais suscetível a ações preconceituosas e discriminatórias.

Elisabeth fala da diferença do trabalho de catadora no lixão e na rua e diz preferir o trabalho no lixão por ser menos cansativo. Na verdade, ela prefere o lixão por não ficar tão exposta ao olhar discriminador do outro. Esse olhar lhe causava muito sofrimento, muita raiva, pois não se considerava inferior, mas os outros a

discriminavam. Todo esse preconceito a deixava muito revoltada, contribuindo para o significado negativo do trabalho na rua. No lixão ela dizia não existir o olhar discriminador do outro.

Ela não fala explicitamente sobre a vergonha, mas parece concordar com Caio no sentido de que os catadores que trabalham na triagem e no lixão não gostam de catar na rua pelo mesmo motivo: a discriminação. Contudo, ela superou a vergonha e foi trabalhar na rua.

O preconceito e a discriminação da sociedade para com os catadores são explícitos na fala de Elisabeth. Basta reparar nas ruas como as pessoas reagem diante do catador: ou xingam por estarem atrapalhando o trânsito, ou atravessam a rua para não passar perto deles, entre outros exemplos apontados por Elisabeth e outros catadores.

Caio falou dos benefícios do trabalho na rua, mas também concorda com os outros catadores que há muita discriminação, muito preconceito da sociedade para com o catador. E também afirma que muitos catadores sentem vergonha em catar, tanto que muitos preferem trabalhar na triagem a catar na rua, para não serem vistos.

Caio explica que se tornar catador é suportar o peso do olhar do outro, principalmente do outro conhecido, da rejeição, discriminação daquele que o conhecia e que passa a fingir que não o conhece mais pelo fato de se ter tornado um catador.

Analisando a situação, ele fala que é preciso ter coragem, pois coragem diz respeito à superação do medo da rejeição e discriminação do outro. Caio sentiu pudor, uma tristeza pela rejeição do outro, mas essa tristeza não o impediu de agir, e a essa ação, mesmo se sentindo triste, Caio chama de coragem. Em consonância, agiu em direção daquilo com que sonhava. Ele fala claramente que não sentiu vergonha, sentiu-se discriminado e rejeitado, sentiu pudor e um sentimento mais forte, que ele chama de coragem, o que fez com que ele superasse o triste sentimento que, inicialmente, o atingia.

Vergonha, para Caio, é roubar, é infringir alguma regra social. Ele não acredita que a ação feita com o objetivo de sobreviver, de ir em busca de seus desejos, seja uma ação que provoque vergonha. Ainda assim Caio fala de alguns catadores que sentem vergonha ao catar.

Caio acha que vergonha é um sentimento que incapacita a pessoa de agir, mas afirma que não teve nem tem vergonha e, para confirmar, ainda fala que, se tivesse sentido vergonha, não teria continuado a catar material reciclável.

Romualdo foi um dos catadores que viveu um período imobilizado pela vergonha, mas conseguiu superá-la. Ele sempre sonhou ser caminhoneiro, teve seu sonho realizado durante alguns anos, até ser preso. Depois, não conseguiu mais ser caminhoneiro nas empresas em que trabalhava. Sem emprego, sem documentos, sem ideal de vida, com a frustração de não conseguir mais continuar sendo caminhoneiro, tudo culminou para Romualdo beber muito.

Quando Tom⁵ chamou Romualdo para trabalhar com materiais recicláveis, ele não aceitou. O significado que ele havia construído acerca do catador era o significado ideológico que a sociedade atribui ao catador. Tornar-se catador era tornar-se um mendigo, era assumir a incapacidade de não ter conseguido ser bem-sucedido na vida, era ser confundido com ladrão, era mostrar-se como um ser humano sujo, imundo. Além disso, tornar-se catador parecia acabar, de vez, com o seu desejo de voltar a ser caminhoneiro. Porém, Romualdo não tinha escolha, ele teria que trabalhar para conseguir sobreviver, para voltar a ter condições de comer, de morar e de sustentar a família de Érica, que ele adotou como sua.

Como ele não queria aceitar trabalhar com o lixo, foi muito difícil ser motorista de um caminhão de lixo, pois sentia vergonha dos antigos colegas motoristas. Conta que, quando passava com o caminhão cheio de lixo, ou quando ia pegar o lixo da empresa em que seus colegas trabalhavam, era muito difícil mostrar a eles que estava trabalhando com lixo.

Romualdo tinha medo da discriminação, tinha vergonha, por isso não queria trabalhar na catação e relutou em trabalhar com o lixo. Entretanto, a necessidade fez com que ele enfrentasse a vergonha e assumisse seu trabalho. Ele tentava se esconder dos seus colegas, mas, mesmo com a cabeça baixa, agia, fazia, trabalhava. E, com o tempo, Romualdo foi construindo seu próprio significado acerca do seu novo trabalho, pois ele mesmo se recriminava em trabalhar com o lixo. A partir do momento que foi reconstruindo o significado do lixo, foi se reconstruindo também, assumindo uma nova identidade. Quando ele conta que parou o caminhão de lixo para conversar com seus colegas é um momento em que ele realmente demonstra que assumiu sua identidade de catador, deixando de se esconder para mostrar em público quem era o novo Romualdo. Não era mais o motorista das grandes empresas, mas era o motorista que estava trabalhando com o lixo.

Érica também fala sobre vergonha:

Você está mexendo no lixo e passa gente desconhecida, você já fica com vergonha. Imagina uma pessoa

conhecida, olha pra você, nem chega perto, vai pra longe e fica rindo da sua cara. Mas fazem tudo isso, passando a mesma necessidade que eu. Eu fui pro lixo por necessidade e pegava as coisas porque eu não queria morrer, eu tinha que sobreviver. E quando eu chegava em casa, eu lavava o que tinha que lavar, o que tinha que escaldar, eu escaldava, o que tinha de guardar no armário eu guardava, e o que tinha que guardar na geladeira eu guardava. E aquelas mesmas pessoas que tiravam sarro de mim, chegavam e falavam: “Érica, tem três dias que eu não tenho que comer dentro da minha casa”. Ai eu chegava nelas e falava assim: “Olha minha geladeira, está cheia, só que é do lixo, você quer?” Elas aceitavam. Ela não foi catar no lixo, mas encontrou lavadinho do lixo na minha geladeira, e eu dividi pra ela comer, depois pediram perdão pelo que tinham feito. Eu falei: “A única diferença é que eu enfrentei a vergonha e fui lá, e você veio às escondidas buscar aqui na minha casa. (Érica, comunicação pessoal)

De acordo com a explicação de Espinosa, Érica não sentiu vergonha, mas, sim, pudor, pois o sentimento de tristeza pela censura não a impediu de catar papel. Ela relata seus sentimentos como os sente, nomeia-os diferentemente, porém estabelece equivalência entre eles. O que iguala esses sentimentos que têm nomes diferentes é o fato de serem derivados da tristeza, sofrimento provocado pelo olhar do outro. São sentimentos da linha da censura e não do medo.

À medida que Érica se dedica a essa atividade, vai deixando de sentir até o pudor, questionando os significados imaginados socialmente⁶, embora continue a sofrer humilhação, por parte de algumas pessoas, conforme revela o trecho acima. A humilhação e o pudor são substituídos por outro sentimento mais poderoso, que é a alegria de sentir-se e mostrar-se potente.

“Humildade é a tristeza nascida do fato de o homem contemplar a sua impotência ou a sua fraqueza” (Espinosa, 1973a, p. 224). Diante dessa explicação de Espinosa, humilhação é a ação que ressalta a impotência e a fraqueza de uma pessoa que se mostra numa posição humilde, como um catador puxando carrinho de lixo, mexendo com o lixo, vestido com roupas rasgadas e sujas. Essa ação promove um sentimento de tristeza no humilhado, diminuindo sua potência de ação e aumentando sua potência de padecimento.

O preconceito e a discriminação, no caso de Érica, se estendem a sua família. Ela conta que as garotas não queriam namorar seu filho por ele ser filho de catadora, além de que na escola também era discriminado pelos colegas. Tanto seu filho quanto sua filha deixaram de estudar por esse motivo.

Os filhos de Érica sofreram por ter sua mãe trabalhando na catação. O principal local de socialização da criança, a escola, passou a ser o principal local de discriminação. Na escola, eles eram julgados, sofriam preconceito, eram discriminados, o que acabou sendo um dos motivos, segundo ela, pelo qual Jussara e Saulo deixaram de estudar. Eles criaram aversão à escola. “Aversão é a tristeza acompanhada da idéia de uma coisa que, por acidente, é causa de tristeza” (Espinosa, 1973a, p. 221).

Podemos perceber o aspecto em que o trabalho de catador é padecedor. O sofrimento sentido por Érica e sua família desgasta a própria relação familiar: são os filhos que querem uma vida melhor; o outro filho que não consegue arrumar namorada por causa do seu trabalho; a filha que sai da escola devido à discriminação...

Até agora, em nossa pesquisa, o trabalho apareceu mais como fonte de sofrimento, tristeza, discriminação, preconceito, prejuízo à saúde. Todos os aspectos negativos foram apontados pelos entrevistados:

O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (Sawaia, 1999, pp. 104-105)

Os catadores mostraram dois grandes blocos de emoções tristes: um derivado do medo da esperança; e o outro derivado do medo da censura, que significa humilhação, vergonha, pudor, culpa. Tudo isso sedimenta e concretiza o preconceito.

No entanto, o medo da esperança é menor do que o medo de não trabalhar, não criar e não expandir. Além de também ser menor que a lembrança de situações muito mais padecedoras.

Esperança, para Espinosa (1973a), é “uma alegria instável nascida da idéia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida” (p. 222). Espinosa afirma, ainda, que não há esperança sem medo. Esse medo se refere àquilo que esperamos que aconteça, mas que pode vir a não acontecer. O grupo de catadores, liderado por Érica para se organizarem, espera receber ajuda do poder público que viabilize condições de trabalho para os catadores. Esse tempo de espera pela ajuda é dramático, pois o grupo não sabe se vai conseguir a

estrutura de trabalho, tem esperança de receber a ajuda, mas, ao mesmo, tempo tem medo de não consegui-lo, do que decorre o sofrimento, o medo. “Medo é uma tristeza instável nascida da idéia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida” (p. 223).

A principal esperança dos catadores é a de que melhorarão de vida. Eles esperam conseguir uma renda mensal, pagar suas contas, alimentar e vestir seus filhos, esperando reconhecimento pessoal e profissional. São essas esperanças e esses desejos que mobilizam os catadores. Por isso, o que pulsou mais, o que vibrou mais, foram os benefícios advindos do trabalho. Todos eles apontaram para uma mudança no sentido de uma potência de ação, agindo para realizarem seus desejos. Todos, antes da catação, estavam num momento de intensa potência de padecimento, e o trabalho na catação veio para superar esse padecimento e aumentar a potência de ação. Cada um mostra esta potência de um jeito.

Tornar-se catador: potência de ação

Tornar-se catador não é só potência de padecimento, mas também potência de ação.

Caio desejava formar uma cooperativa, então começou a trabalhar na catação e, ao mesmo tempo, tentou organizar um grupo de catadores em seu bairro, Bonsucesso. No decorrer dessa organização, vários catadores foram aderindo ao grupo. Essa adesão era a grande alegria de Caio, pois o grupo estava aumentando, estavam todos aderindo a suas idéias, a seus desejos e paixões.

O encontro com o outro potencializa ou despotencializa o homem. Nos encontros com o outro que o discriminou, humilhou, Caio sofreu, entristeceu-se, mas a ação do outro para com ele não o impediu de continuar agindo. Isso mostra o quão importante era continuar atuando para realizar seu sonho. Essa paixão era bem maior do que a paixão triste sentida com a discriminação dos outros. O que vem a fortalecer ainda mais o sonho e a paixão de Caio é o encontro com os outros catadores, que vão se unindo a ele, a sua ideia e a sua paixão, e isso é extremamente potencializador. Ainda mais quando o desejo da liderança sempre esteve presente e o manteve na luta pela religião, pelo bairro e, agora, pelos catadores. Esse encontro, em que cada vez mais catadores se agregam ao grupo, é o que fortalece e potencializa Caio para continuar agindo.

O começo da história do grupo potencializou Caio a agir em busca de melhores condições de trabalho e da cooperativa, mas essa história não foi de

sucesso: o grupo sem estrutura física para trabalhar, sem apoio político e financeiro, não conseguiu juntar grande quantidade de material reciclável para vender às empresas.

Além disso, tinham que concorrer com o aparista e o ferro-velho, que tem toda a estrutura para juntar grandes quantidades de material e vender para as empresas com maior facilidade. Aparista é a empresa maior que deixa a caçamba no ferro-velho, depois a retira e vende o material para outra empresa. São os atravessadores de todo processo.

Caio diz que se as necessidades de melhores condições de trabalho fossem atendidas, provavelmente conseguiriam sobreviver do trabalho da catação e, futuramente, a cooperativa seria formada.

Mesmo diante de diversos obstáculos, Caio e os catadores não desanimaram. Ao contrário, a perspectiva de que poderiam conseguir formar a cooperativa fez com que fossem potencializados a ir em busca de estrutura física necessária para o progresso do grupo. Contudo, nem Caio nem os catadores conseguiram ajuda, e, com o tempo, o grupo foi se desgastando e se desfazendo.

Pode-se verificar, no exemplo de Caio, que o homem não busca trabalho só para sobreviver. Ele também quer satisfazer seus desejos de expansão. Embora Caio acabe por não considerar a catação como um trabalho, pelo fato de não ter conseguido receber renda monetária com esse trabalho, não se pode limitar o significado de trabalho como aquilo que se faz e se recebe em dinheiro por fazê-lo. Trabalho é muito mais que isso. De acordo com Marx (2000), o trabalho humaniza o homem. Com o trabalho, o homem transforma a natureza e se cria com ela, o homem expande seus desejos, ideias e capacidades. Caio mostra isso muito bem; o dinheiro ganho pelo trabalho indesejado não satisfaz a necessidade humana, é preciso trabalhar em algo desejado, precisamos viver, e não apenas sobreviver.

Elisabeth também ressalta, na sua história, a importância de fazer o que gosta, quando ela recusa um trabalho em que ganharia bem mais. Porém, sabendo que não se satisfaria nele, escolhe por ficar no trabalho de que gosta mesmo ganhando menos.

O desejo de José era gravar um CD, ou ser reconhecido, ouvido pelas pessoas e poder participar de ações políticas. Ele ainda não conseguiu gravar o CD, mas parte do seu desejo foi realizada.

Um dia José encontrou no lixo uma revista com uma reportagem da Asmare - Associação de Catadores de Belo Horizonte. Quando viu a reportagem, ficou

entusiasmado, pois mostrava a organização do trabalho do catador e os benefícios dessa forma de trabalho. José, que em toda sua história sempre tentou ser criativo em seu trabalho, ficou apaixonado pelo que tinha visto sobre a Asmare. Sua paixão estava em perceber como poderia se expandir no trabalho da catação. Depois desse dia, o desejo da gravação do CD ficou suspenso e o desejo agora era buscar construir uma Asmare em Guarulhos.

A cooperativa proposta por José em seu bairro não deu certo, mas o importante foi sua potência de ação. Ele agiu para que desse certo, fez panfletos informativos, entregou para os catadores, tentou mobilizá-los, organizá-los, porém parece que não conseguiu constituir um grupo. Contudo, foi essa potência de ação que fez José ser reconhecido, até ser contratado pela Secretaria de Trabalho de Guarulhos e integrar o grupo de catador/multiplicador.

Seu desejo foi realizado, devido aos benefícios do trabalho na catação, pois ele conseguiu ser formador porque foi catador. Esse trabalho foi a porta para uma mudança de vida, de trabalho, de desejo, de sonho. Ele queria criar sobre o trabalho do catador e, como catador, conseguiu mostrar suas ideias da cooperativa para o Secretário do Trabalho, e para outros políticos. Conseguiu, também, participar de discussões políticas sobre reciclagem, até que o Secretário o chamou para trabalhar para a prefeitura no projeto que visa à inclusão dos catadores. Nesse momento, José deixou de ser catador para ser formador na área da reciclagem, e fala que isso foi muito importante, pois começava a ser ouvido nas participações políticas, passava a ser reconhecido publicamente, momento em que sua identidade pública concomitantemente se construía.

José sente contentamento por ser hoje um catador formador. “Contentamento é a alegria nascida do fato de o homem se contemplar a si mesmo e à sua capacidade de agir” (Espinosa, 1973a, p. 224).

Na Bahia, José quase se candidatou a vereador, não fosse sua vinda a São Paulo. Lá, ele tinha participação em partidos políticos. Desde a Bahia tinha necessidade de ser ouvido, de ter direito a participar, de falar publicamente e expor suas ideias. Com isso, também podemos entender seu desejo de ser artista: José tem necessidade de ser visto pelo público e reconhecido por ele, como se fosse uma forma de ele se reconhecer enquanto tal, pois no âmbito privado não conseguiu ser reconhecido. “Um território pode ser excludente e, ao mesmo tempo, lugar de identificação entre pares, onde se gestam novas formas de sociabilidade alimentadores da potência de ação” (Sawaia, 1995, p. 23). Espinosa fala sobre a potência de ação e Heller do calor do lugar: “o que produz o calor do lugar é uma forte dose

do sentimento de sentir-se gente entre pares” (p. 23). O conceito de participação aqui é visto como questão de legitimidade subjetiva. Isso é o que José realmente tenta mostrar em sua ação (Sawaia, 1997).

Elisabeth enfatiza o significado que construiu sobre o catador depois de ter sido uma catadora. Antes reproduzia o significado ideológico construído pela sociedade, de que catador é mendigo, ladrão. Esses significados foram assumidos por Elisabeth, que só foi reconstruí-los depois de se tornar catadora. Nesse momento, sentiu o catador como um ser humano capaz, que não teve oportunidades. Percebeu que o catador é honesto, digno e persistente na busca pelo sustento de sua família. Em vez de pedir como um mendigo, ou de roubar como um ladrão, foi trabalhar no lixão ou na rua, catando material reciclável.

O trabalho no lixão, tanto para Elisabeth quanto para Marcos, parece ter sido algo inesquecível, sendo uma experiência que marcou muitas mudanças na relação dos dois: Elisabeth não apanhava mais de seu marido, pois este passou a respeitá-la; antes o arrimo da casa era Marcos, depois passou a ser Elisabeth e, com isso, as relações e funções familiares mudaram. Essa mudança permitiu a potencialização do casal.

Érica sofreu muito com o trabalho, mas também teve grandes ganhos, até mesmo com o próprio sofrimento. Ela fala do seu sofrimento como experiência de aprendizagem.

Esse é o sofrimento ético-político, que Sawaia (1999) afirma ser provocado por condições sociais e pode ser gerador de transformações sociais, principalmente quando desencadeia ações coletivas.

Érica mostra isso ao agir contra as relações de submissão, exploração em que se encontrava, por exemplo, com o marido, no trabalho do hospital e no trabalho da catação, com o Tom e sua família.

O sofrimento não diminuiu sua potência de ação no decorrer de sua história de exclusão. Há composição e decomposição⁷, com predomínio da intensificação da força para viver dignamente, segundo os valores sociais, por meio do trabalho.

O sofrimento e a servidão não a impediram de buscar a potência na honestidade. Ela é mobilizada pelo sofrimento, visando a melhores condições de vida. Essa busca é guiada pelo seu desejo de proporcionar uma vida melhor aos filhos, além de querer mostrar-lhes o caminho pelo qual podem se fortalecer e não padecer. Este caminho, para Érica, é o trabalho. “Civilidade ou modéstia é o desejo de fazer o que agrada os homens e de não fazer o que lhes desagrada” (Espinosa, 1973a, p. 228).

Érica faz questão de mostrar para os filhos que é possível sobreviver e melhorar de vida sem entrar para o crime. E faz isso também pela necessidade de ser reconhecida como tal, tanto pelos filhos como pelos outros à sua volta.

O trabalho honesto não tem um valor moral para ela. Honestidade não é imperativo moral. É por exercer seu trabalho que consegue marcar o mundo. É a única forma de ser reconhecida como alguém que também põe marcas no mundo, além de conseguir produzir, criar, expandir a sua perspectiva de vida.

Não são apenas os valores morais que fazem Érica agir honestamente, mas as suas relações, pois elas compõem as pessoas e elas têm o conhecimento de agir e colocar marcas nos outros e no mundo. Não é uma dignidade que vem de uma ideia, não é uma dignidade porque falam que ela é honesta, mas sim porque ela é alguém que está fazendo alguma coisa, compondo, transformando, atuando nessa realidade. Seu desejo não é ser vista como honesta, mas deixar as suas marcas, agindo como uma pessoa honesta.

Érica foi discriminada, sofreu preconceito, mas, mesmo assim, sente-se contente com seu trabalho, pois mostrou aos seus filhos que os outros podem até julgar o trabalho de catador sujo, mas, ainda assim, é um trabalho honesto, que trouxe benefícios para si e a sua família, sem prejudicar os outros. Ao contrário, ela ajudou muitos catadores. Espinosa diria que Érica sentiu contentamento: “é a alegria nascida do fato de o homem se contemplar a si mesmo e à sua capacidade de agir” (Espinosa, 1973a, p. 224).

Ao trabalhar com lixo, Érica ressignifica-o.

O lixo significa pra mim o meu meio de vida. Eu achava que o lixo era uma humilhação. Hoje não, eu acho que ele tem que passar por um processo. Porque eu era um lixo, hoje eu não sou mais, eu estou reciclada, então sou igual ele, no passado eu me sentia igual ele e hoje eu sinto igual ele depois de reciclado. (Érica, comunicação pessoal)

A metáfora de Érica é magnífica, demonstra a consciência de seu processo de potência de ação e padecimento, depressão do *conatus* e passividade.

Reciclar é tirar um objeto que não tem mais uso, nem significado, que foi jogado fora, e transformá-lo em um objeto com significado, com utilidade. É tirar algo da negatividade e trazer para a positividade. Nessa expressão, pode-se perceber o sentido de tornar-se catador. Reciclar-se é sair da depressão, da despotencialização, e tornar-se potência de ação. O catador sai da negatividade para entrar na positividade social, tendo e criando sua função, que atualmente

está sendo valorizada. Reciclar é mudar a função de algo sem perder sua essência.

O trabalho, para Érica, é o trabalho ontológico, o trabalho que humaniza o homem. É trabalho como necessidade de o ser humano se expandir, criar, transformar e desejar. No mundo capitalista, é preciso trabalhar para ganhar dinheiro e pagar as contas, comprar comida para a família, ou seja, sanar as necessidades básicas; nesse sentido, trabalho significa autoconservação. Mas, concomitantemente ao trabalho de autoconservação, o trabalho é também expansão da criatividade, do desejo do ser humano. O trabalho ontológico é tanto trabalho como autoconservação, quanto trabalho como expansão.

Érica encerra a entrevista indicando a importância da união e da organização dos catadores, pois esses bons encontros potencializam-os a agir em busca de benefícios para eles próprios, sejam financeiros, políticos, sociais, afetivos.

Quanto ao que mais pulsa em cada um dos catadores, pode-se perceber uma grande diferença de gênero. As mulheres geralmente agem pela sua família, pelos filhos. Os homens também desejam o melhor para suas famílias, mas isso não é mais importante que seu desejo profissional e pessoal.

Em todos o que pulsa fortemente é o trabalho. O trabalho foi para todos o bom encontro que potencializou suas ações.

Conclusão

É o lixo que lhes proporciona uma condição de vida mais “digna” em comparação à que viviam anteriormente; é do lixo que conseguem sobreviver, comendo dele, pagando suas despesas com o dinheiro que obtêm com ele. O lixo aqui tem nome próprio, é “vangloriado”, é reconhecido como oportunidade de vida. Já não se trata do lixo renegado, mas do lixo “adorado”, do lixo que traz alegria, satisfação, alívio por ter as contas pagas e comida na mesa, felicidade de poder satisfazer às necessidades humanas mais básicas.

O lixo satisfaz algumas necessidades básicas, e proporcionou mais: a construção de novos vínculos afetivos, novos bons encontros potencializadores. Isso tudo fez com que o sentido negativo do lixo realmente mudasse.

A construção do sentido do lixo remete à reflexão sobre as condições em que essas pessoas se encontram: lixo não deve ter um só significado ou sentido, ou dotado de características ruins ou de

características boas. O lixo é aquilo que é sujo, o que é desprezado, mas para a pessoa que sobrevive dele já não é bem assim; ela passa a senti-lo de outra forma, a ver seu outro lado: o lixo passa a significar a satisfação de suas necessidades tanto básicas quanto de novas possibilidades afetivas e de trabalho.

O que se pode afirmar é que todos obtiveram grandes ganhos e muitos sofrimentos. Os ganhos falaram mais alto, vibraram mais. Por essa razão, esse trabalho com o lixo se mostrou como potencialização. Mesmo com todos os aspectos negativos que ele provoca, os benefícios parecem mais importantes, sendo o trabalho ressignificado, valorizado e dignificado.

Não se defende que a catação é um ótimo trabalho, já que ele não elimina a desigualdade, não altera a estrutura de desigualdade; está apenas tirando essas pessoas da miséria absoluta e lhes dando uma possibilidade de se inserirem socialmente de um modo que eles mesmos pensam ser mais digno. É preferível ter esse trabalho do que passar fome.

Houve mudanças reais, no plano material, na forma da família viver, na maneira como os filhos estão sendo criados, no modo de a vida pulsar, nas relações.

Pode-se também perceber o que está acontecendo com os catadores e com os outros a sua volta, em termos de subjetividade. Todas as suas emoções se transformam. Assim, entra o medo, a esperança, a vergonha, a tristeza, a alegria, as paixões.

O trabalho para eles é o encontro que promove mudanças, que compõe ou decompõe, é sempre um grande encontro.

Esse trabalho não é somente fonte de dinheiro, ou um valor somente ideológico, ou ainda de sobrevivência física. Essa atividade está respondendo a uma necessidade de expansão do ser que, segundo Espinosa (1973a), é imanente. Marx (2000) fala dela ao se referir às necessidades humanas de transformação da natureza, e Vygotsky (2001) ao associar a capacidade de sinalização humana à capacidade de criação e esta à liberdade.

Os participantes da presente pesquisa, ao relatarem o seu processo de tornarem-se catadores, demonstraram que não se pode simplificar o significado do trabalho ao modelo monolítico, que é ou excludente ou includente. O trabalho possibilita momentos e encontros diferenciados, que ora podem ser de potência, ora de padecimento, ora de ruptura, ora de cooperação.

E eles, catadores, sentem e conseguem colocar em prática através da organização⁸ e mobilização dos

catadores em âmbito nacional, estadual e municipal aquilo que Espinosa afirma:

Se duas pessoas concordam entre si e unem as suas forças, terão mais poder conjuntamente e, conseqüentemente, um direito superior sobre a natureza que cada uma delas não possui sozinha, quanto mais numerosos forem os homens que tenham posto as suas forças em comum, mais direito terão eles todos. (Espinosa, 1973b, p. 318)

Notas

- ¹ Pesquisa realizada nas bibliotecas da USP, da PUC/SP, e no site do CNPq (www.cnpq.org.br)
- ² Escolhi a Folha de S Paulo por ser um jornal de grande tiragem no Estado e tratar de questões sociais em suas matérias, e então passei a acompanhá-lo para ver esta evolução.
- ³ Heller escreveu esta obra referendada em Espinosa (1973a e 1973b).
- ⁴ Este artigo fará referência a cinco catadores de materiais recicláveis, que participaram da minha pesquisa de mestrado (Miura, 2004). Os nomes dos catadores (Caio, Elisabeth, Érica, José e Raimundo) são fictícios e foram escolhidos pelos próprios catadores entrevistados.
- ⁵ Tom era vizinho de Romualdo e estavam tentando organizar alguns catadores para trabalharem na catação.
- ⁶ Esses significados são considerados como superstições para Espinosa.
- ⁷ “a representação de uma composição entre dois ou vários corpos, e de uma unidade dessa composição. Quando as relações correspondentes a dois corpos se compõem, os dois corpos formam um conjunto de potência superior, um todo presente nas suas partes” (Deleuze, 1999, p. 108).
- ⁸ Através dos movimentos sociais dos catadores como, por exemplo, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR, os catadores estão conseguindo estabelecer grandes parcerias (exemplo Petrobrás), o que possibilita o fortalecimento e a expansão das cooperativas e associações municipais bem como da formação de redes intermunicipais e interestaduais.

Agradecimento

Ao CNPq, pela bolsa de estudo concedida para realização do mestrado da primeira autora.

Referências

- Bodei, R. (1995). *Geometria de las pasiones miedo, esperanza, felicidad: filosofia y uso político*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Carvalho, A. M. R. (2008). *Cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Assis - COOCASSIS : espaço de trabalho e de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência*. Tese de Doutorado, Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo.

- Chauí, M. (1995). *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna.
- Deleuze, G. (1999). *Espinoza e os signos*. Portugal: Rés Editora.
- Dias, A. R. (2002). *Condições de vida, trajetórias e modos de "estar" e "ser" catador: Estudo de trabalhadores que exercem atividade de coleta e venda de materiais recicláveis na cidade de Curitiba (PR)*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Social, Universidade de São Paulo.
- Espinosa, B. (1973a). Ética III: da origem e da natureza das afecções. In *Os pensadores* (pp. 181-229). São Paulo: Abril. (Original publicado em 1679)
- Espinosa, B. (1973b). Tratado político. In *Os pensadores* (pp. 309-372). São Paulo: Abril. (Original publicado em 1679)
- Heller, A. (1979). *Teoría de los sentimientos*. Barcelona: Fontamara.
- Heller, A. (1985). *The power of shame*. England: Routledge & Kegan Paul.
- Lane, S. (2000). Os fundamentos teóricos. In S. Lane & Y. Araújo (Orgs.), *Arqueologia das emoções* (pp. 13-33). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marx, K. (2000). Para a crítica da economia política. In *Os pensadores* (pp. 25-48). São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1857).
- Medeiros, L. F. R. & Macedo, K. B. (2006). Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 62-71.
- Miura, P. O. C. (2004). *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis. Acesso em 07 de fevereiro, 2010, em <http://www.mncr.org.br/>
- Nicolau, S. M. (2003). *Trabalho e processos de exclusão/inclusão social: um estudo com assistidos-trabalhadores de um centro de triagem de materiais recicláveis*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Social, Universidade de São Paulo.
- Peixoto, B. M. (2010). *Catadores de sonhos*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Sawaia, B. (1995). O calor do lugar: segregação urbana e identidade. *Revista da Fundação SEADE*, 9(2), 20-24.
- Sawaia, B. (1997). A legitimidade subjetiva no processo de participação social na era da globalização. In I. Louilier et al. (Orgs.), *Movimentos sociais e participação política* (pp. 149-159). Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Sawaia, B. (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 97-118). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sawaia, B. (2000). A emoção como locus de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In *III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural* (pp. 1-25). Campinas, SP.
- Vitale, M. A. F. (1994). *Vergonha: um estudo em três gerações*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Vygotsky, L. S. (2001). *Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 11/08/2010

Revisão em: 01/05/2011

Aceite em: 13/12/2011

Paula Orchiucci Miura é Mestre em Psicologia Social e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço: Rua Guanabara, 178. Jardim Planalto. Arujá/SP, Brasil. CEP 07400-000. Email: paulamiura@hotmail.com

Bader Burihan Sawaia é mestre e doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP e coordena o Núcleo de Estudos da dialética exclusão/inclusão - NEXIN. É parecerista ad hoc do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, da CAPES, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Email: badbusaw@pucsp.br

Como citar:

Miura, P. O. & Sawaia, B. B. (2013). Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 331-341.